

Construindo saberes interculturais: um relato de experiência sobre o projeto de extensão “Educom.Indígena”¹

Itânia Matias de Lima MACEDO²

Isabelli Pereira PINHEIRO³

Rian Sousa Oliveira BISPO³

Victor hugo Moreira do NASCIMENTO⁴

Antonia Alves PEREIRA⁵

Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, MT

RESUMO

O presente trabalho apresenta o relato da experiência dos estudantes extensionistas do projeto Educom.Indígena constituído por trocas de saberes entre estudantes não-indígena do curso de Jornalismo e indígenas de cursos interculturais da Universidade do Estado de Mato Grosso, provenientes de diversas etnias do Estado que repercutem essas ações em seus territórios. O foco deste relato é uma das atividades da segunda fase do projeto que aconteceu durante uma disciplina de tecnologias no curso de Pedagogia Intercultural com a aplicação de uma oficina de podcast. Como resultado, os estudantes indígenas fizeram propostas de ações para serem colocadas em prática durante o ano em suas aldeias.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Educomunicação; Educação Ambiental; Educomunicação Socioambiental; Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência do projeto de extensão Educom.Indígena, que visa promover a troca de saberes entre estudantes indígenas e não-indígenas da Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat). O projeto é realizado pelos alunos do curso de Jornalismo, abrigado na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e da Linguagem no Campus Universitário de Tangará da Serra, que conduzem oficinas pedagógico-comunicacionais para promover o diálogo, a interação e a troca de conhecimentos com os sujeitos envolvidos. O projeto já nasceu interdisciplinar, pois foi concebido para atuação nos cursos interculturais da Unemat sob a responsabilidade da Faculdade Intercultural Indígena (Faindi) que oferece cursos em Barra do Bugres (sede da Faindi), em Luciara e em Canarana.

A proposta do projeto parte da temática extensionista da comunicação e se constitui a partir de três escolhas fundamentais: o uso do celular, a mídia podcast e o

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNEMAT, email: macedo.itania@unmemat.br.

³ x Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNEMAT, email: isabelli.pinheiro@unemat.br.

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNEMAT, email: rian.bipo@unmemat.br.

Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNEMAT, email: nascimento.victor@unmemat.br.

⁵ Professora do Curso de Jornalismo da UNEMAT, email: antonia.alves@unemat.br.

paradigma da educomunicação socioambiental. A opção pelo celular como ferramenta principal para realização das práticas propostas veio da constatação de que o aparelho faz parte da vida dos estudantes indígenas e por conseguinte do cotidiano dos “parentes” (termo utilizado por eles para se referir aos povos da sua etnia ou de distintas) na aldeia. O recurso podcast foi escolhido por ser uma mídia de fácil acesso, uma vez que seu formato não requer muito espaço de armazenamento e largura de banda para compartilhamento. Por fim, a educomunicação ambiental é o paradigma que propicia interligar as escolhas anteriores para desenvolver habilidades comunicativas, promover o intercâmbio de conhecimentos e despertar possibilidades pedagógico-comunicacionais em torno da educação ambiental, educomunicação, sustentabilidade e interculturalidade.

Em sua segunda edição, o Educom.indígena que teve início em 2024 com a temática “trocas de saberes em múltiplos territórios”, ampliou-se em 2025 como “da educação ambiental à educomunicação socioambiental”. A coordenação compartilhada é realizada por três professoras (de Jornalismo, Antonia Alves Pereira e Rosana Alves de Oliveira; da Pedagogia Intercultural, Waghma Fabiana Borges Rodrigues) e uma profissional técnica (Luzinete da Silva Magalhães, assistente social que atua na Diretoria de Ações Afirmativas). As 40 vagas para a curricularização da extensão foram distribuídas para os estudantes dos cursos de Barra do Bugres (31), Luciara (3), Canarana (2) e Tangará da Serra (4) – estes protagonistas das oficinas: Itânia Matias de Lima Macedo, Isabelli Pereira Pinheiro, Rian Oliveira de Sousa Bispo e Victor Hugo Moreira Nascimento.

Duas ações do Educom.Indígena de 2024 aconteceram no mês de agosto de 2024 durante a etapa presencial de julho/agosto na Faindi: troca de saberes com uma dinâmica de grupo com quase 100 estudantes indígenas na noite do dia 10 de agosto; e uma oficina de podcast com 10 deles que são mediadores do projeto, isto é, lideranças, como eles se reconhecem. Seis desses mediadores/lideranças percorreram o caminho de aproveitamento dos recipientes plásticos e utensílios vindos da cidade para as aldeias por meio de fotos (<https://sites.google.com/unemat.br/educomjor/projetos/educom-indigena>), uma atividade que embalou as discussões para a nova versão do projeto que será detalhado mais adiante.

Este projeto está inserido no paradigma da educomunicação e fundamentado na comunicação dialógica de Paulo Freire, no protagonismo juvenil e empoderamento dos sujeitos para o exercício da cidadania. A educomunicação, para Soares (2011, p. 36), é

o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de

expressão a todos os membros das comunidades educativas

Esta definição levou os extensionistas a organizarem as ações do projeto com postura dialógica e colaborativa desde o planejamento para que, em sua implementação, os envolvidos pudessem ampliar suas formas de expressão e participação. Esta mesma ideia está no conceito de educomunicação socioambiental que há mais de duas décadas fundamentam as ações comunicativas e ambientais do Ministério do Meio Ambiente.

A Educomunicação Ambiental ou Socioambiental é uma expressão nova que vem ganhando espaço no campo da Educação Ambiental, nos últimos anos. Refere-se ao conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental (Brasil, 2008, p. 10).

A educomunicação tem como pilar que o ensino seja democrático, interativo e popular. Esse modelo busca usar como ferramenta, a comunicação, para que facilite o processo de aprendizagem. Para isso, utiliza de meios, como: celular, internet, rádio, TV etc, garantindo que todos possam participar de maneira ativa nas produções. Eda Tassara (2008, p. 80) afirma:

Processo de comunicação com intencionalidade educacional expressa e que envolve a democratização da produção e de gestão da informação nos meios de comunicação em seus diversos formatos, ou na comunicação presencial. Educomunicação pode ser definida, também, nas práticas educativas que visam levar à apropriação democrática e autônoma de produtos de comunicação, por meio dos quais os participantes passam a exercer seu direito de produzir informação e comunicação.

Com aderência aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015; Cabral; Ghre, 2020), o projeto contribui com os ODS 13 e 20 que, respectivamente, visam combater as mudanças climáticas e garantir os direitos dos povos indígenas e comunidades tradicionais. Por este motivo, a interculturalidade é outro conceito-chave para a realização das trocas de saberes entre os estudantes, ampliado pela vivência educ comunicativa com a participação ativa dos indígenas. Como um conceito fundamental, a interculturalidade coopera para que nossa postura extensionista amplie tanto as premissas dialógicas quanto nossa atitude de escuta aos sujeitos indígenas. Isto porque esses estudantes trazem consigo, além de seus saberes ancestrais e culturais, também saberes quanto ao uso tecnológico em relação ao celular, à câmera fotográfica e filmadora e ao uso das redes sociais.

A interculturalidade aponta e representa processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e de uma sociedade outra; uma outra forma de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade, e um paradigma outro, que é pensado por meio da práxis política (Walsh, 2019, p. 4).

De modo que a interculturalidade envolve a integração de diferentes perspectivas culturais e o compartilhamento de conhecimentos. Portanto, essa atitude é o cerne das ações que são desenvolvidas no paradigma educacional nas chamadas áreas de intervenção que se realizam por meio de uma ação colaborativa e dialógica que chega, não para modificar, mas para despertar os sujeitos envolvidos que podem optar ou não por mudança.

O projeto foi construído com o intuito de promover a valorização de diferentes culturas e pôr em prática o conhecimento compartilhado durante a oficina teórica e prática.

Ao longo de 2025, serão realizados dois encontros presenciais e reuniões on-line entre os extensionistas para oferecer suporte durante o processo de produção. O primeiro encontro aconteceu em 12 de fevereiro e a segunda reunião acontecerá na próxima etapa presencial de aulas deles (julho/agosto). As reuniões online ocorrerão aos sábados, ao longo do ano, conforme o andamento das atividades.

É importante destacar que os cursos interculturais seguem uma metodologia distinta dos cursos convencionais, que seguem um calendário acadêmico anual de 200 dias letivos. Sua proposta curricular ocorre em duas etapas para propiciar a formação de professores em serviço que atuam na educação escolar indígena: duas etapas presenciais por ano nas férias escolares (janeiro/fevereiro e julho/agosto) com seu deslocamento das aldeias para Barra do Bugres; duas etapas intermediárias no intervalo das presenciais quando os professores realizam atividades em cinco polos nos territórios indígenas.

A seguir delineamos a metodologia da oficina aplicada em fevereiro de 2025.

METODOLOGIA

O processo de planejamento da oficina começou com reuniões on-line entre os extensionistas do curso de Jornalismo e as coordenadoras do projeto, sendo a primeira realizada no dia 7 de fevereiro de 2025 (férias docente e discente, pois o retorno das aulas aconteceriam apenas no dia 17 de fevereiro), para dialogar sobre a oficina a ser realizada. Na reunião, as coordenadoras do projeto, também professoras da disciplina de Introdução à Informática Educativa e Tecnologia da Informação e Comunicação, informaram que a oficina deveria ser uma continuidade daquela de agosto de 2024. Por esse motivo, deveria

contemplar uma revisão do conteúdo com elementos novos, pois dentre os 30 alunos da Pedagogia Intercultural, 12 haviam participado daquela oficina.

As demais reuniões on-line e presenciais entre os estudantes de Jornalismo e a coordenação aconteceram sob demanda. Os estudantes se reuniram para o planejamento da oficina com o intuito de levar os estudantes à elaboração de um podcast, em duas etapas: 1) tirar a ideia da cabeça e colocar do papel com foco na temática ambiental; 2) mediar o aprendizado sobre os recursos de edição no Audacity. A parte teórica foi elaborada pelos quatro membros do grupo: Itânia e Victor Hugo ficaram responsáveis por montar a parte sobre o que é podcast, os diferentes formatos existentes e escolheram trechos de podcasts para serem ouvidos em sala de aula; a segunda parte da oficina, que envolvia a parte prática, foi desenvolvida por Isabelli e Rian, com a preparação de slides e a mediação para o uso das ferramentas disponíveis no software de edição de áudio.

Durante o processo, a metodologia de oficina foi desenvolvida de forma interativa com a participação ativa dos alunos em duas fases distintas: apresentação do que é podcast, diferentes formatos, como escolher um tema e toda a estrutura que é necessária para se construí-lo; edição de áudio no software Audacity, demonstrando que esta é uma ferramenta que pode ser utilizada para práticas pedagógico-comunicacionais.

ESTRUTURAÇÃO DA OFICINA

A oficina ocorreu no dia 12 de fevereiro de 2025 no laboratório de informática da Unemat no Campus da Barra do Bugres, ministrada pelas extensionistas Itânia Macedo e Isabelli Pinheiro. Após sua apresentação pelas professoras da disciplina, as alunas seguiram sua dinâmica de trabalho durante todo o dia, das 7h30 às 11h e das 13h às 17h, conforme o plano de aula estruturado com o uso de slides e exibições de diferentes formatos de podcast. Esta primeira parte teve por objetivo mostrar como tirar a ideia do papel para produzir o seu próprio podcast, o que possibilitou aos alunos o compartilhamento e a compreensão de como reproduzir a atividade em seu Território Indígena. O segundo momento foi planejado para ensinar a utilizar as ferramentas que são gratuitas no aplicativo de edição Audacity.

Os acadêmicos puderam conhecer a história de como surgiu o podcast, os formatos, ouviram alguns estilos diferentes e tiraram suas dúvidas. No final da manhã, os estudantes se reuniram em grupos de quatro e cinco para pensarem juntos nas propostas para serem realizadas durante o ano. Durante a tarde, a oficina foi prática a partir de um áudio bruto que eles puderam aprender a utilizar as ferramentas disponíveis no aplicativo de edição.

RESULTADO E CONTRIBUIÇÕES

A oficina resultou com a proposta de cinco possíveis produções de podcast dos alunos indígenas para serem construídas ao longo do ano, com temas sobre meio ambiente. Os formatos foram diversos, que variam desde o monólogo, onde apenas uma pessoa narra, à mesa redonda onde eles conversam com especialistas do assunto.

A atividade prática resultou em um interesse mútuo pela edição, visto que, muitos produzem conteúdos on-line, mas não conheciam ferramentas que fossem gratuitas e de fácil acesso, podendo ser utilizado do celular para realizar edições de áudio.

As produções sonoras ocorrerão no decorrer do ano e o produto final ficará pronto ao final do projeto, sendo que serão realizadas duas grandes ações por eles e que poderão testar os conhecimentos adquiridos: evento para o Dia do Meio Ambiente (5 de junho) e uma campanha de conscientização sobre o uso sustentável e ambiental (outubro). Isto sob a mediação, principal dos extensionistas do curso de Jornalismo para aplicação prática nas escolas de suas aldeias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Educomunicação socioambiental**: comunicação popular e educação. Organização: Francisco de Assis Moraes da Costa. Brasília: MMA, 2008.

CABRAL, Raquel; Ghre, Thiago (Org.). **Guia Agenda 2030**: integrando ODS, educação e sociedade. São Paulo: Lucas Fúrio Melara; Raquel Cabral, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2018.

TASSARA, Eda. **Dicionário Socioambiental**: idéias, definições e conceitos. São Paulo: FAART, 2008.

ONU-BRASIL. **Transformando Nosso Mundo**: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015.

WALSH, C. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas*, v. 5, n. 1, 2019.